



Revista MATTO-GROSSO

De SCIENCIAS, LETTREAS, ARTES E VARIEDADES

Cemiterios



PARA o catholico, o cemiterio não é o mero recinto murado onde se vão, depois da morte, depôr, para em paz e lentamente se desagregarem, sem perigo da saude publica, os elementos do corpo humano; não é um pedaço de campo apenas sujeito as prescripções da «*Hygiene Publica*,» confiado a guarda dos fiscaes, onde se ostentam desassombrados os aprimorados caprichos de uma Municipalidade de mais ou menos apurado gosto artistico. Não pode ser um lugar de exposição de marmores e de estatuas.

Tem o cemiterio uma significação espiritual e portanto uma feição, um caracter todo religioso; e como tal é um lugar santo protegido e sagrado pela Igreja, para receber os restos mortaes dos seus fieis.

E' conforme a origem etymologica da palavra um *dormitorio*, onde devem repousar os corpos, á espera da resurreição final. *Cemiterium quasi dormitorio mortuorum.*

O respeito devido á personalidade humana, o dogma da immortalidade da alma, da vida futura e da resurreição dos corpos justificam a sagração dos cemiterios, explicando o sentido altamente elevado e santo das solennes ceremonias, com que a lithurgia catholica pede, para o repouso dos mortos, as benções do céo.

Entre os romanos, só o facto de ser algum cadaver inhumado em um campo, era o bastante para fazer d'elle um terreno sagrado, e como tal subtrahido até aos innocentes misteres da lavoura.

Se tão grande foi sempre o respeito dos pagãos pelos restos mortaes do homem, com muito mais razão os manda venerar a Igreja.

O corpo foi o inseparavel companheiro da alma na pratica das virtudes, santificado pelos sacramentos, e destinado a uma gloriosa resurreição no fim dos tempos.

«A Igreja benze os cemiterios por diferentes razões, entre outras para proclamar a sua fé na santidade do corpo humano, no dogma da fraternidade universal e nos nossos gloriosos destinos d'além tumulo.»

Nos primeiros tempos do Chris-

tianismo quando a Igreja, conquistando a liberdade, com o sangue fecundo dos martyres, deixou as catacumbas e pôde erigir seus templos, plantando a cruz triumphante no alto dos campanarios, em volta delles jaziam os cemiterios, como uns perfeitos accessorios dos templos.

Por muito tempo ninguém se atrevêra a esbulhar a Igreja do direito de enterrar seus fieis conforme as rubricas do seu ritual; era de todos reconhecida a propriedade das *Fabricas* sobre os cemiterios, e o character religioso delles; todos os consideravam como uma dependencia da Matriz.

O cemiterio com a feição religiosa que a Igreja lhe dá, constitue uma advertencia muda, mas eloquente, para os espiritos desdenhosos de Deus e da eternidade.

A nudez expressiva dos tumulos que bordam as alcas, a quem não impressiona?

A'quella vista, pensativo, o homem inquire de si a causa da triste melancholia que alli é rainha.

Pergunta a si mesmo porque se compunge, aterra-se a sua natureza com a perspectiva da morte; sente mais vivamente não haver nascido para morrer.

Com essa pregação silenciosa o cemiterio lhe faz lembrar o paraíso, a prevaricação e a queda primitiva, a tremenda sentença — *morte morieris* — o nivelador de todas as vaidades e ambições do coração humano.

Os crentes porem, não vemos no cemiterio, sómente a transgressão da lei, a primeira desobediencia e a consequente condemnação do genero humano á morte; a cruz nos deixa ver alguma coisa mais do que as ruínas do peccado original, nos enche de esperanças, consolando-nos a alma com o dogma ineffavel

da immortalidade, da redempção e da resurreição da carne.

Os impíos e libertinos, para quem a cruz não tem os encantos da esperança e da reabilitação humana, só veem na solidão das campas, as expressões severas de uma reprobção que os incommoda e anathematiza.

O silencio, a paz do cemiterio lhes faz ouvir a voz da consciencia que o alvoroço dos prazeres, fóra d'alli, abafa, e o remorso os desassobega; o mysterio do sepulchro, com o pensamento da morte vem aguar as preoccupações da vida dissipada e peccaminosa.

E' essa a razão occulta da guerra aberta contra o character religioso e christão dos cemiterios.

Encetou-a a impiedade, embuçada nas faixas infantis da *Hygiene Publica*; e começou por pedir, por exigiu, afastamento dos cemiterios, desterrando-os das circunvizinhanças das Igrejas, para os mais longinquos arrabaldes, bem distante do bulicio das cidades.

Pintaram-nos como focos de molestias e epidemias, apontaram-nos como um perigo eminente para a saude publica.

Pura hypocrisia, a impiedade moderna apegou-se á *Hygiene Publica* como a um pretexto, como a um meio seguro de ir ter a secularisação dos cemiterios, ideal revolucionario ostensivamente offensivo á Igreja.

Secularisação quer dizer profanação, esbulho sacrilego do direito que tem a Igreja, como sociedade perfeita que é, de sepultar seus filhos, como crentes da immortalidade e da resurreição dos corpos.

Secularisação significa guerra a Deus e a tudo o que é santo, é a negação calma e reflectida do dog-

ma da vida futura e da resurreição final; é o grito de extermínio com que se atira a revolução contra o christianismo.

Secularisar os cemiterios é banir delles toda a idea, toda a feição religiosa e sagrada, é desarvorar nelles a cruz, symbolo da reabilitação, da immortalidade e da esperança, para lhes dar as proporções, o feitio jovial e risonho de uns jardins de uns parques floridos, onde só encontrem os espiritos levianos e descrentes pasto a dissipação e frivolidade, muitas vezes ao mais estupido dos luxos.

Ninguém já ignora as intenções sacrilegas e satanicas com que a impiedade de nossos dias se esforça por banir da sociedade até os vestigios das crenças christãs.

Comprehendeu muito bem Mr. Gaume os intuitos da revolução

quando disse: o cemiterio no seculo dezenove é o ultimo theatro da luta encarnçada do satanismo contra o christianismo.

«Depois de haver expulsado a Deus do nascimento do homem, excluindo-o do baptismo; depois de o haver excluido da entrada do homem na vida social, excluindo-o do matrimonio, a revolução expelle-o hoje á morte do homem affastando de sua sepultura e de seu tumulo, o ministro de qualquer religião.

Em vez de ser o que foi o que ainda é para todos os povos civilisados ou barbaros, um recinto sagrado, o cemiterio, aos olhos da revolução, nada mais é que um lugar de podridão; e o homem um pouco de terra.»

Dr. Bruno de Aguiar



Suspiros d'alma

*Oh mundo, oh mundo, exílio de minha alma!
Vida, cruel tyranno que me prendes!*

Magalhães — (Suspiros.)

A minha lyra maviosa e ativa
Como o sorrir da doce aurora estiva
Convida-me a cantar ...
E ao som canoro de longinqua avena.
E á mansa brisa a murmurar amena.
Me poubo a soluçar !...

Doirados elos de saudade santa
Da etherea Pátria, que minha'alma encanta,
Me opprime o coração !
E embalde a musa p'ra cantar me ameiga,
E embalde o zephyro a brincar na veiga
Me inspira uma canção !...

E nas delicias do pensar saudoso
Em que as doçuras do celeste goso
Em extasis admiro,
Pranteio o exílio, que tão longo vejo.
E a Pátria vera que, tão bella, alinejo,
E, misero, suspiro...

Men Deus! Men Deus! Quando ha de vir o instante
Em que, liberto desta vida errante,
Que ao pégo me conduz,
Possa, fruindo a gloria sempiterna,
Aniquilar-me ante a belleza eterna
Da face de Jesus?!

Cuiabá, 2—11—1909.

Alves Corrêa.

A má imprensa

O "Bi-Hebdomadario" do Rio, em sua edição de 26 de Setembro p. p., publicando a ultima Pastoral de S. Ex. Revma. o Sr. D. Carlos, Arcebispo-Bispo desta Diocese, assim se expressa:

Publicamos a seguir a energica e bem lançada Carta Pastoral do virtuoso sr. d. Carlos. Arcebispo-Bispo de Cuiabá, protestando contra a imprensa impia e perversa, e aconselhando aos fieis de sua diocese que absolutamente se abstenham da leitura de semelhante pasquineira.

A Pastoral de sua ex. o sr. d. Carlos, merece ser lida, não apenas pelos seus diocesanos, mas por todos os catholicos brasileiros, e por isso a publicamos em nossas columnas:

Carta Pastoral do Exm. e Revm. Sr. D. Carlos Luiz d'Amour, Arcebispo-Bispo da Diocese de Cuiabá, condemnando o opusculo: «A Reação», «fôco de mentiras e calumnias contra a Igreja Catholica e seus Ministros, publicado pela «Liga Matto-Grossense de Livrepensadores». — Dom Carlos Luiz d'Amour, por mereço de Deus e da Santa Sé Apostolica, Arcebispo-Bispo da Diocese de Cuiabá etc. — Ao reverendo Clero e aos fieis de Nossa Diocese, Saudação e Benção em Jesus Christo, Nosso Deus e Senhor.

Irmãos e filhos muito amados

Alguns de nossos Diocesanos, esquecidos do tudo quanto devem á nossa carinhosa Mãe a Santa Igreja Catholica, Apostolica, Romana, e instigados pelo ESPÍRITO DAS TREVAS, reuniram-se nesta Capital e fundaram uma sociedade denominada — Liga Matto-Grossense de Livres Pensadores — cujo fim é hostilizar a Santa Igreja e seus ministros. Para isto deram publicidade á um

folheto «A Reação», no qual, além das calumnias assacadas contra o clero, negam o effeito sanctificante do Baptismo, da Confissão, da Missa, da Sagrada Eucharistia e de todos os Sacramentos!!

E porque um dos principaes deveres do nosso ministerio pastoral é defender e conservar intacto o sagrado deposito da Fé, não podemos deixar de erguer bem alto a nossa voz para condemnar, como condemnamos pelas presentes Letras o citado folheto «A Reação» e tudo quanto nelle se contém contra a Santa Igreja Catholica, seus ministros e suas obras.

Na falta de outros meios, para pôr cõbro a tanto mal, appellamos para a consciencia dos catholicos sobre a qual exercemos indiscutivel auctoridade. Aos catholicos pois, dizemos, que não devem receber, nem ler o supradito folheto «A Reação»; que não lhes é lícito de modo algum ajudar a imprensa anti-catholica, immoral e subversiva; porque, do contrario, tornam-se cúmplices dos seus delictos e crimes. Sim, não deveis, Filhos dilectissimos, de modo algum cooperar, com o vosso dinheiro, para sustentar essa maldita propaganda, instigada pelo Demonio.

O pae de família que não cerre as portas de seu lar aos máis diários; o amigo que os facilita ao amigo afim de se inteirar do que se diz e se escreve; o proprietario ou superior de qualquer estabelecimento publico, que os põe á disposição dos que os frequentam em circumstancias analogas, contraem responsabilidades mais ou menos graves, conforme os casos, e são responsaveis a Deus e aos homens como collaboradores da obra de denigração e de ruina.

Ficam, portanto, de sobreaviso, Filhos muito amados, contra os eulubios e calumnias que as seitas heterodoxas, forçadas por Satanaz, inventam e publicam em seus escriptos contra a Santa Igreja Catholica, a unica e verdadeira Igreja, e fôra da qual não ha salvação.

E para que chegue ao conhecimento de todos, será esta nossa Carta Pastoral publicada a estação da Missa nas igrejas matrizes e capellas das comunidades religiosas.

Dada nesta Cidade do Senhor Bom Jesus do Cuiabá, sob nosso Signal e Sello de Nossas Armas, aos 15 de Julho de 1909.

† CARLOS, Arcebispo-Bispo de Cuiabá.

Logar † do Sello.



IV

A questão da escola tem ultimamente chamado, em quasi todos os paizes do velho mundo, a attenção dos homens illustrados e sobretudo daquelles em cujas mãos está o bem e a felicidade da patria. Na Allemanha, na Belgica, na Hollanda, na Inglaterra, na Italia a parte principal da questão escolar tem versado sobre a liberdade do ensino, a obrigação de frequentar a escola, o ensino religioso nas escolas publicas, e a obrigação ao Estado de subvencionar as escolas particulares.

Hoje, em que os povos se sentem tão proximos uns dos outros, e para tudo que se refere ao dominio da intelligencia parece formem uma grande familia, a questão escolar vai chamando tambem no Brasil a attenção de muitos homens.

Sem ter a pretensão de propheticar o futuro, podemos affirmar que em breve, uma lucta tremenda nascerá no Brasil, para reivindicar o ensino religioso para nossas escolas.

O ensino leigo é palavra dea de sentido; e n'uma conferencia em que não se sabe se mais admirar a elegancia da phrase escultural, a profundidade do pensamento, ou a assombrosa illustração, cabalmente n'ello demonstrou o eminente homem de letras, Carlos de Laet.

O proprio liberal Leroy-Beaulieu escreveu: «Quando sabimos da instrucção puramente rudimentar

e das materias de facto, como a leitura, a escripta, o calculo, etc., cahimos em materias controversas, que a cada passo se encontram.

A neutralidade na escola é uma ran palavra: porque a philosophia, o que se chama as *noções primeiras*, estando no fundo de todos os conhecimentos humanos, de todos aquelles pelo menos que attingem ao homem moral e ás suas relações com a sociedade, de continuo nos abalroamos com idéas philosophicas e religiosas as quaes, mesmo para crianças, é preciso commentar, destruir ou fortificar.» (1)

Nós presenciamos que desses mesmos que impõe-nos o ensino leigo, parte a condemnação do systema que adoptaram.

Exalçam a individualidade de Benjamin Constant só e unicamente pelo facto de não ter guardado no ensino a neutralidade em materia philosophica e religiosa.

«O problema da educação, diz sensato escriptor; não se colloca entre uma educação dogmatica e uma educação neutra, á qual se pretende reservar a denominação de livre; elle se colloca entre duas educações dogmaticas: uns submettem-se a um dogmatismo religioso, e o fazem e o reconhecem francamente; outros,

(1) Leroy-Beaulieu, *L'Etat moderne et ses fonctions*, Liv. V, chap. III, Pag. 180, Ed. de Paris, 1891.

sob o manto mentiroso da liberdade, não estão menos submissos a diverso dogmatismo, ao dogmatismo irreligioso...

É, no mesmo opusculo:

«Os factos historicos que formam a base da religião, bem como os dogmas, não são puras affirmações do entendimento, mas têm consequências praticas.

São as regras moraes da crença pratica que lhes devemos applicar, e não as regras theoricas da affirmação scientifica. A religião com effeito, é uma vida, um conjunto de praticas concretas, de actos singulares da intelligencia, da vontade, do coração. Não ha um só acto religioso que seja meramente intellectual.

«Cada um delles compromette a vida. A religião não admite neutralidade nem duvida. Um homem é ou não é religioso, é ou não é crente, fiel, praticante. Não pôde haver meio termo. O que se abstem das praticas religiosas, age exactamente como aquelle que nega a verdade da religião. Ao domingo cumpre ir á Missa, ou não ir; ir e proceder como um crente, não ir ou proceder como um incréo.

Urge tomar um partido, e, portanto, não só o exame completo não tem o tempo de ser livre, porém mesmo a duvida prévia, exigida pelo methodo scientifico, a duvida inteiramente imparcial, é impossivel...

«Accusa-se a educação catholica de crear na alma da criança um preconceito em favor da crença; mas os catholicos bem podem responder que a abstenção, a pretensa neutralidade, só pôde crear preconceitos em favor da incredulidade. (1)

Os incoherentes seguidores do *ironico Livre pensamento*, no assanhado odio que os caracteriza contra toda a crença catholica, bradam bem alto a necessidade do ensino *leigo* e querem impedir o nobre officio do magisterio á individuos, que nobremente o desempenham, e isto só e unicamente porque não seguem o absurdo systema: *livre pensamento*. Na intollerancia, que é-lhes peculiar, e que tão barato vendem, não sabendo como obter o intento, appellam inoportunamente para as leis e até citam artigos da nossa Constituição para adquirir o monopolio da instrucção e poder desfarte espalhar nas mentes das crianças, seus *dogmas de incréos*.

Mas visto que a natureza não foi-lhes prodiga de dons intellectuaes, de mais a mais, possuem conhecimentos limitadissimos nas varias disciplinas, e não obstante, querem dedicar-se ao nobre magisterio da imprensa, copiam quanto fizeram outros paizes nos pontos mais culminantes da propria decadencia, e, attacam as congregações religiosas, as primeiras victimas que caem aos golpes das perseguições.

Odio assanhado, intollerancia incrivel, impudencia inqualificavel! Repetem com o mais grosseiro cynismo, antigas calumnias, apontam as mesmas mentiras; resulta uma incoherencia a mais completa, não importa, com quanto possamos combater a fé catholica, dizem os chamados *livres pensadores*, publicaremos sempre, qualquer coisa serve, os ignorantes acreditarão.

Dahi as repetidas desmentidas que tiveram nos centros cultos, e que ainda hoje publicadas entre nós quadram admiravelmente para confundir seus *nescios escriptos*, cheios de odio e de rancor estupidos.

1- G. Foussegriva "Catholicisme et libre pensée." Pariz, s. d., p. 58 e 59.

Como prova, transcrevo um trecho que em circumstancias analogas publicou o illustrado cathedratico Paulista Dr. Brasílio Machado, que tão grande brilho dá á academia de Direito.

..... Ainda agora, a proposito do estado desalentador em que se encontra a instrucção primaria e secundaria na republica, uma das folhas mais intransigentemente acatholicas, não perden vaza de escrever estes topicos, de que transudam á competencia a inverdade e a injustiça:

«..... a immigração das ordens religiosas, em bloco, transformando o nosso paiz no vasalouro das congregações expulsas das terras de além-mar, acarreta no porvir, responsabilidades tremendas. O ensino clerical, que tem uma forma de que se não afasta apesar dos progressos recentes das lettras e sciencias, monopoliza hoje o ensino primario e dirige grande parte do ensino secundario, com a aggravante de gozarem elles das regalias do ensino official (estão equiparados ao Gymnasio Nacional,) leigo por excellencia, não obstante a sua orientação confessional. Padres, frades, freiras, irmãs de caridade, sem exigencia de uma prova de competencia, gerem o ensino publico, a seu bel prazer!»

«O *Journal*, n'este periodo transcripto, formou um bloco de inverdades.

E' inexacto que as congregações religiosas, que fiadas nas garantias de liberdade aos estrangeiros asseguradas na Constituição, têm se estabelecido no Brasil, e muitas em continuidade das corporações nacionaes, viessem repellidas das *terras de além mar*; ao que consta, sómente a França as tem perseguido, em quanto que os Estados

protestantes ou indifferentes da Europa continuam a recebê-las de braços abertos.

E' inexacto que o ensino religioso repilla as verdades da sciencia, pois que a fê, dentre os meios humanos, sempre teve a sciencia, mas a sciencia que se nutre de verdades, e não de hypotheses doctinas, como o melhor dos seus coooperadores.

E' inexgotavel a lista dos homens de sciencia que são homens de fê.

Os factos demonstram cada dia a calunnia de ser contrario e inimigo da razão o catholicismo.

E' inexacto que as congregações religiosas ensinantes no Brasil tenham *monopolizado* o ensino primario. As suas escolas são em numero insignificante em confronto com as escolas publicas e particulares que, de todos os matizes, por ali enxameam. As escolas catholicas concorrem com as outras, e «*para honra e gloria de seu ensino, sempre se mostraram, e sempre se mostrarão superiores ás suas congengeres.*»

Exigir que as congregações ensinantes devam passar *em exames de sua sufficiencia scientifica*, é crear um regimen de odiosa excepção, que nada justifica. Aquelles que, para o ensino secundario obtiveram a equiparação ao Gymnasio nacional, esses estão debaixo da fiscalisação do estado, e o ensino que ministram é dos mais elevados e proficuos.

E para que se apanhe a flagrante injustiça do *Journal*, basta attender que de suas linhas não ha uma só referente á invasão das escolas protestantes que nos vem da America do Norte.

Contra ellas não diz o *Journal*, que o nosso paiz se tornou o seu mais farto escoadouro, nem que os mis-

sionarios da expansão americana devam exhibir os titulos de sua capacidade educativa.

Dois pesos e duas medidas.

A uns, o acolhimento dos mais ruidosos; a outros, a repulsa das mais ingratas.

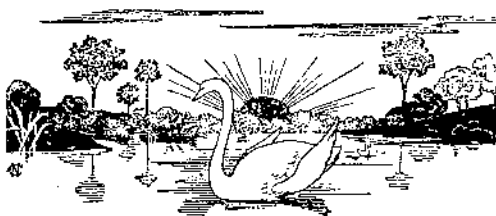
E' a liberdade ás avessas...

O rebate do eminente cathedra-tico, B. Machado, pelas scintillações

da vasta intelligencia, gloria da Academia Juridica Paulista. «*ninho de aguias*» quadra perfeitamente aos *escrevinhadores microcephalos* que por ali pullulam, a se esconderem com o titulo de livres pensadores, e irrisão do livre pensamento, tornando-se dia a dia, mais dignos da ampla compaixão dos sensatos.

Cuiabá, 12 — 11 — 1909

P. L. M.



O LEITO

(Paraphrase de Heredia)

Encartinea-no embora o crepe ou a cambraia,
seja um esquite e oculte um cadaver gelado
ou seja um berço donde uma criança saia,
elle é sempre querido, é sempre venerado.

Fúnebre, solae elle o pranto ardente caia,
músculo, tenha o esplendor e a pompa dum noivado,
quer lágrimas de dôr ou de ventura attraia,
é um amigo e, inda mais, é um confidente amado.

Feliz quem póde, á noite, alegre e satisfeito,
depois do árduo labor de todo um longo dia,
à frente repousar, dosem gozo, no leito

—n' o leito paternal que, um dia, o viu nascer,
no leito, que tambem o ha de guardar, um dia,
quando triste lembraçãõ a morte o surpreender.

S. Paulo - 1909.

JOSÉ MESQUITA.

ANTES... DEPOIS...

(AO SOTER CAIO)

Antigamente, quando
ledo e feliz vivia,
e, constante, a alegria
aos labios meus dourando.

tal como um sol, sentia,
eu—no tempo attentando,
no tempo que passando
rapidamente ia.

—eu suppiquei-lhe: «Pára
ao menos uma hora!...»
Ah! mal imaginára

que, um dia, immerso em ais,
eu lhe diria: «Agora
porque não cortes mais?»

S. Paulo - 1909.

JOSÉ MESQUITA.

A minha partida

*Que noite fria... tetrica rolava
A cachoeira ao pé da embarcação;
Immergida n'um lago d'afflicção,
De saudade minh'alma se rasgava!...*

*Estava a bordo, prompto pr'a deixar
Aquidauana, ninho perfumado
Onde alegre passei, doce, embatado
Pela brisa do sul, sempre a cantar!*

*E lembro, era manhã, quando o vapor
Os ferros suspendendo, despediu-se...
N'ess'hora o peito meu quasi partiu-se
Nos negrumes envoltos d'uma dôr!...*

*Adeus roseas manhãs... meigos vallados...
Passeios vespertinos... lindas aves...
Sonoras canções... idyllios suaves
Da passarada pelos descampados!...*

*Adeus mansos ribeiros... serranias
Banhadas pela luz d'um sol brilhante!
Adeus prazeres... brisa sussurrante
Portadora de doces harmonias!...*

*Parti! porém levava na minh'alma
Funda amargura de cruel saudade...
Os olhos meus só viam solidade...
Meu pobre coração ficou sem calma!...*

A bordo da "Aurora", 9 de Outubro de 1900.

JOÃO NUNES DA CUNHA.

A anarchia intellectual

O século presente, que se denominou o século das machinas e da electricidade, é tambem o século das crises.

Vae pela actividade humana uma crise assoladora: crise tanto no individuo como na família, tanto na vida social como na vida dos governos.

De todas as crises, porém, social, economica ou politica, a crise intellectual é certamente aquella que mais ha preocupado a reflexão dos observadores.

A hora presente se assignala, se caracteriza por uma crise intellectual, que gera as mais hediondas catastrophes.

Esta crise, que se definiria melhor como a anarchia do pensamento, gerou-se da falta de criterio na investigação e no julgamento da verdade.

Nota-se a inexistencia de principios ou de escolas, ao lado de um estudo superficial e não reflectido.

Materialistas ou espiritalistas, crentes ou descrentes, perebese, na maioria dos espiritos, em os nossos dias, o vácuo de um principio director, a oscillação do pensamento entre a certeza e a duvida. O assentimento do espirito moderno da negação e da duvida se encaminha para a anarchia intellectual — a libertação do intellecto das regras estabelecidas pela logica e pela moral.

Campeia, sem o apoio da logica e sem a força da moral, a mentira *scientífica*; a calunnia e as paixões desordenadas prejudicam a verdade, e o intellecto torna-se na sociedade,

segundo Benjamin Kidd, egoísta, libertino e destruidor.

A crise intellectual produziu a crise moral, social e politica: gerou as calamidades publicas, armando o braço dos operarios contra a placidez da família e da tranquillidade da sociedade.

A anarchia intellectual negou a existencia de Deus, a immortalidade da alma, a vida futura: procurou nas substancias compostas, na materia divisivel, fatal e inerte, a origem da vida, do pensamento e da dignidade humana: negou o livre arbitrio e prometteu aos que soffrem um paraizo nos limites terrenos.

A anarchia intellectual preparou nos tempos actuaes o paganismo moderno: chamou-se successivamente, pantheismo, materialismo, positivismo, idealismo, evolucionismo, monismo, socialismo.

A anarchia intellectual zomba do Evangelho, que é o sustentaculo das nações, e é loucura da cruz, quer substituir a loucura sanguinaria das revoluções, dos estados e das corrupções.

A multidão dos fascinados, o crecido numero das mais terriveis barbarias, na sociedade contemporanea, é uma consequencia inevitavel das theorias que a intelligencia anarchisada preconiza, desenvolve e propaga.

O naufragio do caracter é uma outra triste consequencia d'esta anarchia.

A falta de caracter, degenerando os individuos, determina a decadencia das nações.

«A influencia do caracter é soberana na vida dos povos.»

E' pela energia da vontade, que M. Le Bon chama o *caracter* que as nações triumpham na lucta pela existencia.

Nenhum destes systemas philosophicos — e muito menos a anarchia intellectual. — pode formar o caracter. Pelo contrario contribuíram para a sua ruína.

Benjamin Kidd, o insuspeito dr. Gustave Le Bon, Brumetiére, que pelo methodo positivo chegou á *razão de crer*, Augusto Comte (que tambem é nosso cooperator) e os factos analysados á luz da historia, nos levam á convicção de que a Religião é o factor principal do caracter.

«Proscriver a Religião, escreveu ha poucos dias Dauvergne, em nome do progresso, não é sómente fazer obra anti-social, é desconhecer ou fingir desconhecer os ensinamentos mais claros da historia e os dados mais certos desta «Sciencia» de que se pretende erigir o culto sobre as ruínas das nossas velhas crenças.»

Augusto Comte, (Curso de philosophia, 54 lição) nem Rousseau (Contracto Social, L. IV, cap. VIII) deixaram de vêr no catholicismo o seu papel eminentemente social.

Não queremos — nem é necessario — demonstrar a verdade do dogma christão, mas evidenciar que «quando as religiões coiza alguma fossem, ellas seriam ainda a melhor das Sociologias» e *que nenhuma outra é mais apta a este papel que o christianismo — queremos dizer, o christianismo tradicional, o christianismo integral, isto é, o catholicismo.*

Infelizmente, o catholicismo tem sido mal applicado: uns encaram-no exclusivamente sob o ponto de vista tradicionalista; outros

deturparam-no, encerrando-o n'uma decantada escola theologica, que só existe nas cathedras de Philosophia, em as nossas Academias de Direito.

O catholicismo, disse o sabio e saudoso philosopho mons. Manoel Vicente, tem por lema a verdade: esteja onde estiver, a verdade deve ser aceita.

A anarchia moderna, o *libre pensamento*, para melhor se entregar á libertinagem, apregôa que a fé é contra a verdade.

Não ha, não pode haver duas verdades oppostas: a fé e a sciencia se harmonizam, se reúnem na essencia do Senhor dos mundos, que é a Verdade Universal, a Suprema e a Eterna Verdade.

Ninguém apontou e nem apontará jamais um postulado do Catholicismo contrario a uma affirmação da sciencia.

Os pseudo-sabios do nosso seculo, tambem feitos a vapor, chamam-nos de retrogrados e atrasados.

Agradecemos a tolerancia e rasgamos o titulo, que nos offerecem.

Os livros não são privilegios dos *livres pensadores*.

Preferimos ser retrogrados e atrasados com Leverrier, Moigno, Newton, Pasteur, Claude Bernard, Kepler, Lapparent, Montalembert, Ozanam, Pascal. — preferimos ser retrogrados e atrasados com esses crentes catholicos, que pontificaram em todas as provincias do saber humano, a ser sabios e progressistas com a taetengão duvidosa, e incerta de Büchner, com os saltos «acrobaticos» do evolucionismo spenceriano, com a phantasia scientifica, ôca e affictada de Kaeckel, com o apriorismo doentio e ferrenho de Le Dantec.

Succedendo ao paganismo, appareceu Jesus com sua doutrina sal-

vadora — erguem-se o triumpho soberano da Cruz.

Do paganismo moderno, anarchia intellectual e moral, desprezo dessa sublime doutrina, ha de triumphar o seu renascimento — Victoria da Verdade Eterna, que parece offuscada na caligem das crises,

mas que esplende, brilha e permanece immutavel.

S. Paulo—8—909

Angelo Sangirardi

(Presidente do Centro dos Estudantes Catholicos de S. Paulo.)



Esperança

Loira esperança... terna companheira
Das afflições diarias d'esta vida!...
Luz celestial na solidão perdida...
Visão d'amor e graça feiticeira!...

Sem ti eu choraria a vida inteira
Qual passarinho na soidão dorida!...
Minh'alma sem carinho, sem guarida,
Sem ti seria gelida caveira!...

O teu sorriso é balsamo na dôr...
E's como o orvalho crystallino e manso
Que faz viver no val a doce flôr!...

Em ti, a humanidade acha descanso;
Ao lado teu fenece o dissabor,
O lar trocando em celestial remanso!...

Corumbá,—Outubro—1909.

João Nunes da Cunha.



Noções de mechanica agrícola



Roçada e derrubada a matta que occupava a superficie do sólo que destinarmos á cultura, é de bom conselho e de optima pratica deixar todos os vegetaes abatidos sujeitos á acção transformadora do tempo e dos infatigaveis agentes physico-quimicos. Esse repouso, que é essencial, não deve entretanto prolongar-se por muito tempo, pois nos nossos climas, posto a actividade vegetal se amorteça durante quatro ou cinco mezes no anno, o calor, a luz e a humidade actnam quasi que ininterruptamente, e não é raro vêr surgir dos troncos dos madeiros derrubados uma quantidade enorme de brótos e rebentos, que difficultam a conclusão dos trabalhos preenturaes.

Assim pois, em fins de Julho ou o mais tardar em começo de Agosto, deve-se tratar de preparar a derrubada para a queima.

Antes, porém, de discorrer sobre esta operação, examinemos si ha conveniencia ou inconveniencia, vantagem ou prejuizo, na *queimada*.

Os lavradores que se dizem *adiantados*, *modernos*; que têm muita theoria e leitura, porém pouca pratica e insufficiente e incompleta observação, condemnam em absoluto e *a priori* todas as queimadas, assegurando que ellas são prejudicialissimas aos terrenos, visto que o enorme acervo de humus e de detritos vegetaes ali accumulado pela Natureza durante longo tempo é inteiramente destruido pela acção violenta do fogo devorador.

A primeira vista, e sem detido exame

do importante assumpto, parecerá ter razão quem assim se pronuncia.

Um sério exame da questão, porém, dar-nos-ha a razão, que não é mais do que o meio termo entre os que tudo condemnam e os que tudo elude-osam.

Não ha duvida que estando a derrubada muito ressecada e a terra sendo naturalmente pouco humosa, a queimada agirá como um destruidor total da terra vegetal, que constitue a camada aravel do sólo.

Si, porém, a terra houver sido de matto virgem ou de capoeirão de machado: si tiver havido o cuidado, que em começo recommendei, de não deixar os vegetaes abatidos pela roçada e pela derrubada, momento os mais finos ou de menor diametro, *seccarem de mais*, a queimada é antes benefica do que prejudicial.

Para que, porém, ella não cause prejuizos sérios, torna-se indispensavel aproveitar o momento favoravel para effectual-a.

Esse momento só sobrevirá após uma boa chvarada, que, molhando a camada mais superficial do sólo aravel, impeça que a acção do fogo penetre na massa de humus, destrua-a e empobreça o terreno. Dois ou tres dias, portanto, depois de um aguaceiro, e cerca de meio-dia, quando o sol estiver mais quente, é que convirá ateiar o fogo em todo o perimetro da derrubada, de forma que as labaredas converjam todas para o centro da área, extinguindo-se rapidamente a fogueira, sem causar danos ás mattas circumvizinhas.

Ha, porém, um trabalho preliminar á

queimada, que é indispensável: quero referir-me ao *acervo*.

Levo, em linguagem da roça, significa um espaço mais ou menos largo, de uma a duas braças geralmente, que se deixa inteiramente limpo á enxada, semervas secas de qualquer qualidade, entro a derrubada e o matto circumvizinho. Funcionando como um perfeito isolador; se, arando a área a queimar da floresta incolume, o acervo impede que o fogo se alastre e saia do terreno em que se quer localizar. A falta de acervo é um erro de gravissimas consequências, quer os terrenos proximos sejam cultivados quer incultos.

O fogo da queimada, apesar dos maiores cuidados não raro transpõe as raias em que o queremos localizado, e vai em fagulhas, em estilhaços e por mil formas diversas attingir culturas e matas, destruindo em poucos momentos cafezais, canaviaes, capoeiras, etc.

Todo o cuidado, portanto, será pouco; toda a vigilancia nessas occasiões de perigo nunca será demasiada. Um acervo bem feito, bem largo, caprichosamente raspado o chão, é um descanso e uma condição de successo.

Effectuada a queimada com todas as cautelas e coroada a operação do melhor successo, examinemos o que se operou no terreno.

O fogo, agindo superficialmente, terá incinerado quasi completamente os gravetos, as folhas, os cipós e os arbustos mais finos. O calor desenvolvido pelas labaredas e pela combustão dos madeiros terá destruido por sua vez a enorme multidão de insectos de toda especie que povoam o sólo e que ali, na plena liberdade da Natureza virgem, proliferavam com a celeridade asombrosa de todos conhecida. Esses insectos, que apparentemente nenhum mal causavam á floresta, si não fossem completamente extintos pelo fogo, iriam prejudicar enormemente as culturas que ali se fizessem de futuro, obrigando o lavrador theorico, para se ver livre de sua perseguição, a queimar o seu terreno.

Vem a proposito contar ao leitor um caso, que se deu entre mim e um amigo e vizinho.

Havia elle mandado rogar e derrubar uma grande área de excellente terra de matto virgem, que destinava á cultura de cereaes.

Como por atrapalhções de serviços supervenientes, não pudera effectuar a plantação, deixou-a para fazer o anno seguinte.

Chegada a época propicia, mandou rogar e picar os brotos, que haviam nascido nesse intervallo, e ajustou gente para cortar a leuba e as tôradas, que ali existiam em grande porção.

Quando estava a terminar esse trabalho fui visitá-lo, e juntos fomos ver o que se estava fazendo.

Encontrei, como era natural, todo o terreno quasi destravancado e apresentando um aspecto muito agradável á vista.

Apeitando-nos, fomos a pé percorrer a área, e eu então perguntei-lhe:

—Quando vai queimar isto?

—Queimar?! Pois você ainda é do tempo de queimar terra?! Não! nunca! isto não se queima! A camada de humus e a grande quantidade de vegetaes que você ali está vendo são estrumes do mais alto valor. Queimar tudo isto, que vale tanto, será um erro de palmatoria!

—Perdõe-me o amigo, repliquei eu. Bem sei que nem sempre a queimada é ou deve ser aconselhada. Esta terra, porém, possui uma enorme camada de folhas secas e de humus, e deve estar cheia de myriades de insectos daninhos, destruidores. Uma leve sapêra de fogo far-lhe-ia muito bem, destruiria os insectos e produziria cinzas, cuja composição é tão rica em cal. A cal iria operar maravilhas, concorreria para apressar a transformação do sólo, tornando-o menos acido e mais favoravel á cultura.

—Poderá ter muita razão, meu amigo, mas eu não queimo a minha terra, nem que me racheem! Todos os amores, todos os agronomos, *uma voce*, condemnam em absoluto as queimadas, e não serei eu quem os desmentirá ou fará o contrario.

—Mas amigo, venha cá. Todos os agronomos a que se refere têm escripto na Europa e para a Europa. A natureza lá é muito diversa da nossa. Nós temos um sólo virgem, riquissimo como este em que pisamos. A nossa camada de terra vegetal é muito espessa, assim como muito espessa é a camada de folhas sobre que estamos caminhando. Si não fizer a queimada, os insectos destruir-lhe-hão a cultura, pois vendo-se privados dos alimentos que a Natureza lhes fornecia, serão forçados a devorar os vegetaes que forem apparecen-

do, e esses serão os que o amigo semear.

—Não me convenço ainda. Não queimo a minha terra. Aprazo-o para o resultado desta primeira experiencia, que vou fazer.

—Pois está dito. Sei de antemão que vae perder tempo e dinheiro, e que será afinal forçado a seguir a minha opinião.

—Veremos, concluiu elle.

Montamos de novo a cavallo, percorremos os catezaes e elle veio deixar-me nas divisas das nossas fazendas.

Fui, como era natural, pensando no erro que elle estava commettendo, *erro porque eu tambem já passara*, visto que á risca seguia os conselhos de agronomos europeus, que desconhecem por completo a nossa natureza tropical e sub-tropical, onde todas as condições e todos os factores divergem extraordinariamente dos paizes para onde elles escrevem e ensinam.

Não aconselho ninguem, e Deus me livre de fazel-o — que queime de mais ou que requeime as suas derrubadas. Não oppino mesmo que se queimem as derrubadas em terras magras de campo, de cerrado, de carrascal ou de capoeiras finas. Nos capoeirões de machado e nos mattos virgens aconselho, porém, que se *sapeque* bem, dois ou tres dias após uma chuvaram, pois isso, a experiencia m'o tem provado, concorre para melhorar a cultura, para destruir os insectos damnhinhos e para ajudar a desatracar a área que se destina aos cultivos. Voltemos, porém á experiencia do meu amigo e vizinho.

Na área desatracada fez elle semear feijão, e para isso escolheu optima semente, com o capricho que lhe era peculiar.

Apezar, porém, de todo o cuidado, de toda a vigilancia — pois elle teimava em me demonstrar por factos que tinha razão — mal o feijão germinava era logo devorado pelos grilos, gafanhotos e mil outros inimigos. Raras, rariissimas cóvas se salvaram! Quinze dias depois, mandava elle covejar e semear de novo. Os batalhões de inimigos

lá estavam famintos e incansaveis, para tudo devorarem, reproduzindo-se e augmentando cada vez mais! Terceira, quarta e quinta vez persistiu o vizinho e amigo em recalçar na teima, e outras tantas teve que ver tudo destruido! O tempo passou, e elle adiou para a época da secca a nova cultura da conhecida e providencial leguminosa.

Um bello dia, pela tardinha, appareceu-me elle no sitio.

—Que bons ares o trazem aqui? perguntei-lhe eu.

—O prazer de vel-o, e ao mesmo tempo para agradecer-lhe a magnifica lição que me deu.

—Que houve então?

—Pura e simplesmente isto: foi-me impossivel cultivar feijão naquella terra, que eu não quiz queimar. Os malvados grilos e os seus malfasejos camaradas destruíram por cinco vezes as minhas plantações! Tinha o amigo carradas de razão; venho dar a mão á palmatoria...

—Já contava com isto, repliquei eu. A mim succeden-me a mesma cousa, é verdade que em menor área. E agora?

—Agora vou esperar monção para queimar tudo, e já prevejo uma trabalhadeira enorme.

—Nem por isso. Espere um bom dia de vento, faça algumas coivaras, amontoe uma boa porção de fachos em varios pontos, opere com o sol bem quente. A viração incumbit-se-ha do resto, só havendo perigo em que fique tudo um pouco queimado de mais. Em todo o caso, havendo cuidado, a cousa irá bem.

E assim foi.

Este, porém, já vae longe, e tenho ainda que tratar dos outros trabalhos preculturaes.

ABEL PERETTI DE MOURA.

(Do Jornal dos Agricultores)



Roteiro da navegação

I-O

Rio Paraguai

desde a cidade de Assumpção até
o Paraná

PELO CAPITÃO DE FRAGATA DA
ARMADA NACIONAL E IMPERIAL
AUGUSTO LEVERGER
(Barão de Melgaço)

Publicação feita sob a direcção de
ESTEVÃO de MENDONÇA

III PARTE

(Continuação)

Sexta-feira, 3 de Julho - Manhã 6.12

Sabimos. Tempo claro, Vento S. fresco. Therm. 51°.

6.19 Passamos pela foz do Arroyo Montuoso na margem esquerda.

6.51 Guarda de Gadêa. Logo abaixo apresentação se tres ilhas; passamos entre a que está mais proxima ao Chaco, e a do meio, e não tardamos em avistar a Villa do Pillar situada na margem esquerda hum pouco abaixo da foz do riacho de Nhembueni.

9.30 Passamos pelo porto da dita Villa, onde muito nos custou chegar por causa do vento contrario muito fresco. Remio-se-nos o lanchão Paraguai, que eu mandára hontem á Villa para ter o tempo de carnear e nos não causar demora.

10.30 Fizemos alto na extremidade do barranco de assumi, onde observei a Latit. de 26° 52' 10"

Tarde 0.34 Seguimos. Tempo claro, vento S. fresco. Therm. 72°. Afim de passarmos pelo braço principal ou madre do rio em que desagua pelo lado do Chaco o Rio Ypitã ou Vermelho, atravessámos diagonalmente o rio, que neste lugar he muito largo, e deixando á nossa esquerda duas ilhas e entre ellas hum banco coberto de salgueiros, fomos abeirando a mais proxima do Chaco, do qual he separada por hum canal de 200 braças mais ou menos.

1.37 Foz do Ypitã ou Rio vermelho: a sua margem direita he hum pouco barrancosa: a outra he baixa e coberta de pequenos salgueiros. A cor das suas agoas, a que deve seu nome, tinge as do Paraguai, pelo lado direito. Dizem que estando cheio o mesmo Ypitã, conservão as agoas essa cor vermelha até pelo Paraná abaixo; porem tal não observei.

Tarde 2 h. 34 m. Guarda de Pajy. Até aqui distinguem-se as agoas do Vermelho das do Paraguai; mais abaixo não tardão em confundir-se.

3.30 Piquete Timbó.

4.20 Piquete.

5.5 Parámos para pernoitar n'humna como ressaca chamada *Araçu-uguy*. Tempo claro, vento SSE. bonança. Therm. 54°.

Observei a amplitude do sol no seu occaso. Variação 9° 30'.

Sabbado, 4 de Julho

Manhã 6.15 Sabimos. Tempo claro. Vento S. a S O. brando. Therm. 48°

6.41 Piquete Araçá.

7.48 Passamos por duas pequena bocas de hum arroyo chamado *las Hermanas*, o qual desagua na margem esquerda.

8.0 Guarda de Humaitá.

8.41 Piquete.

9.28 Guarda de Curupaitá.

10.30 Piquete.

11.14 Piquete.

Tarde 0.32 Guarda das tres bocas: impropriamente assim chamada, por quanto aqui divide-se o rio tão somente em dous braços, que são ou parecem ser igualmente caudalosos, e formão a grande ilha do *Atajo*. O da direita vae entrar no Paraná em distancia como 2 legoas acima da Cidade de Corrientes. O outro, que segui, conflue com o Paraná no Cerrito.

Fizemos alto neste lugar: mas, ainda que me preparasse com tempo, não me foi possível observar a altura meridional do sol, por causa das nuvens que logo depois de salir o sol haviam-se levantado, refrescando ao mesmo tempo o vento S. a SE.

Tarde 2 h. 30 m. Seguimos. Tempo hum pouco mais claro, vento SE. hum tanto fresco.

2.48 Laguna Fieis, no fundo da qual ha humna Guarda.

3.11 Laguna Sirena, na margem esquerda como a antecedente.

4.11 Chegamos á Guarda do cerrito sobre a margem direita, isto he, sobre a ilha do Atajo.

Embarquei no Lanchão Paraguai, e atravessando o rio e descendo ao longo da margem esquerda cheguei em 12 minutos á confluencia dos Rios Paraguai e Paraná, onde ha humma ilha alagadiça. O continente pelo lado do Paraná termina por hum barranco de quando muito, humma braça de altura; pelo lado do Paraguai as agoas estavam quasi de nivel com o terreno.

D'aquí vê-se a rumo de N. 70° 30' E., até onde alcança a vista o magestoso Rio Paraná, que me pareceo ter 1 1/2 milha de largura. De Leste a Sul avista-se a margem esquerda do dito Rio; nos quadrantes de SO. e NO. fecha o horisonte a mesma margem, e duas pequenas illas cobertas de arvoredo, proximas á do Atajo, e entre as quaes ha boa passagem. A Guarda do Cerrito demora a N. 15° O., em distancia de 6 ou 7 decimos de milha.

Pernoitamos neste lugar. Ao pôr do sol toldou-se o tempo. Pelas 7 ou 8 horas da noite. trovoadas, chuva e aguaceiros, depois tempo claro, vento S. fresco.

Domingo, 5 de Julho

Amanheceu o dia muito claro, Vento S. pouco fresco. Mandeí preparar as varas, ganchos e forquillas necessarias para navegar agoas arriba.

Observei a amplitude do sol ao seu nascer, e por ella calculei a variação da agulha de 9°. 34'.

Medi trigonometricamente a largura do rio no lugar da Guarda, e achei 163 braças.

As ondas atravessando o rio forão 40, 70, 80, 60, 50 e 25 palmos.

Por causa dos rebojos que ha junto da margem esquerda não pude aviaar bem a velocidade media da corrente.

Achei apenas 25 palmos de elevação do Cerrito acima do nivel da agoa.

Este espaço do terreno (relativamente) alto, termina-se pelo lado do rio por tres pequenas pontas de *tosca*, e tem quando muito 100 braças de comprimento e 70 de largura. Parece-me muito acanhado para hum estabelecimento militar ainda de pequena importancia. De mais, o rio não tem em distancia de hum tiro de peça sinuosidade notavel, e pelo que disse de sua largura e profundura, vê-se que forçar a passagem não seria empresa difficil nem muito perigosa para hum navio de vela, tendo vento favoravel.

Manhã 8 h. 49 m. Salmos do Cerrito, e principiámos a navegar agoas acima, aproveitando o vento S. que tardou em acalmar.

Tendo andado 4, m 2 ("), a rumos de NNE a NNO., chegamos á Guarda das tres bocas. Ha neste intervallo 2 bocas de bahias que se achão na margem esquerda, humma chamada *Laguna Sirena*, e a outra *Laguna Piris*; esta ultima tem a direcção de E. O., e em distancia de 6, m 5 do rio ha na margem meridional d'ella humma Guarda.

(Continúa)

(*) Para medida itineraria faço uso da milha maritima de 60 no grão, e das suas fracções decimales.

Leverger





SEÇÃO AMEN A

O CURRUPPIO

Mr. Stone antes de sahir para as suas excursions no interior de Minas, fora informado de que seria-lhe indispensavel um bom camarada que o acompanhasse nos vastos sertões da grande provincia, guiando-o pelas estradas mal batidas, e sem perigo de se perder, conduzindo-o aos sitios que devia percorrer e que trazia indicados no seu canhenho. Na cidade, ponto terminal da linha de ferro, a vista de todos os informantes voltou-se para o "Currupio", nome porque era conhecido um dos mais afamados batedores do sertão, cujos recantos conhecia palmo a palmo, com todos os seus morros e ribeiras, com todas as suas historias e tradições. Era um companheiro que quadrava perfeitamente ao inglez. A sua honradez acina de toda a suspeita, a sua pontualidade jamais desmentida, a sua celeridade e pericia no arranjo de toda uma equipagem, faziam d'elle um dos mais acabados camaradas, mormente para um inglez como Mr. Stone, homem de pouca conversa e de muita sinceridade. O *Currupio* não era um d'esses camaradas que frequentemente se encontram; homem que com as suas narrativas sertanejas vão matando o tempo nas compridas jornadas, e que, no pouso, quando a tarde roxa o céu do poente, encostam a viola no peito para affogar as saudades ao som das suas cantilenas tristes. Era esta talvez uma das melhores qualidades que possuia aos olhos do inglez, sempre taciturno e de espirito preoccupado com a idéa das suas collecções de parasitas.

Uma das cousas, porém, que se esque-

ceram de lhe dizer os informantes foi que o seu pagem era homem de um genio extraordinariamente impaciente, a pezar de ser dotado de um coração de cera e de uma docilidade de carneiro. Se ia alguem eucarregal-o de um serviço, ainda bem não tinha acabado de lhe expor todas as condições, já começava elle a sua execução; não respondia duas vezes a mesma pergunta sem constrangimento; não era capaz de esperar meia hora por qualquer coisa. Em redor do seu nome circulavam aneddotas as mais curiosas e inverosímeis; e si de Jacyntho, que era o seu nome baptisinal, passara a conhecido unicamente por *Currupio*, é que se tornara também notavel pela sua celeridade, chegando a vencer distancias que pareciam só possíveis de serem em igual tempo vencidas por boas montarias.

Dizia-se que, quando criança, sendo mandado á escola, não aprendera a contar porque não tinha paciência para ler a serie dos numeros. Começava dizendo muito bem os nove primeiros algarismos, mas, apenas entrava na primeira dezena, sentia-se incommodado, agitava-se, desesperava-se, rasgando em seguida a carta para se libertar d'aquella massada. Fora-lhe absolutamente impossivel estar mais de uma semana a bater e a rebater sobre o alfabeto para ficar conhecendo os signaes que compoem; ou saltaria para a pagina seguinte do livro ou decididamente não poria mais os pés na escola. Até hoje ainda affirmavam alguns que, quando pela primeira vez vestia um paletot, não raro era o caso de lhe arrancar todos os botões, no acto de

se abotoar, si estes facilmente não passavam nas respectivas casas.

Com a idade, é certo, tinha-se modificado muito; mas, era ainda o homem mais impaciente de que já se tivera notícia, creatura, entretanto, muito prestimosa, muito digna de estima e até de muito facil convivença desde que se lhe conhecesse o genio.

Imagine-se agora que este homem de caracter tão singular sahio em companhia de um inglez, e ainda mais, um sabio botânico á cata de parasitas. Si o *Curripio* tivesse alguma paciência, a occasião era excellente para exercital-a. Ora é o estrangeiro que, surpreendido por um especimen vegetal desconhecido, abandona o seu cavallo que deita a correr; ora é a indagação insistente e pouco comprehendida sobre as propriedades medicinas de alguma planta; aqui é a parada enfadonha para o exame rudimentar do terreno; alli é outra parada para se escarafunchar um microscopio no fundo de uma canastra, pelo que tem-se de descarregar os cargueiros; uma quasi *Via Sacra* em pleno campo. A Serra da Piedade com suas variadissimas especies de orchideas foi um verdadeiro Calvario para o *Curripio*, que já não podia supportar tão duras provas e que a custo reprimia os impetus de abandonar de uma vez aquelle homem, para o ensinar a abusar da paciência de quem... nunca a tivera.

Mas não devia tardar muito a que houvesse um desafogo da parte do camarada. Esse se deu quando foi o *Curripio* mandado a indagar do paradeiro de um individuo possuidor de matas inexploradas, a quem viera recommendado o inglez. Aconteceu saber elle que tal individuo não havia muito tinha fallecido, noticia esta que ao voltar, transmitiu ao patrão nestes termos:

—Ora, meu amo, o freguez já bateu as botas.

—Como diz você? perguntou o interlocutor que nada tinha entendido.

—Fechou a cerca no correço ha poucos dias.

—Que? reperguntou o inglez que menos ainda havia conseguido comprehender.

—Sim, Senhor; bateu com o rabo na cerca; foi para a cidade de *Pês Dantas*!

—Onde é essa cidade?

—Não é isso, homem! Estou dizendo que esticou as canellas, e acabou-se.

—??

—Morreu, Senhor! o homem morreu; foi para debaixo da terra; foi para o outro mundo! Entendeu agora, ou quer mais explicação?...

—Sim, sim! Já sabe, já sabe!...

O tom em que foram proferidas pelo *Curripio* as ultimas palavras bem revelaram o seu estado de excitação, estado que para seu maior desespero, contrastava inteiramente com o do seu companheiro sempre frio e inalteravel, limitando-se a arregalar em extremo os seus grandes olhos azues e craval-os no camarada cuja linguagem cheia de rodeios não comprehendia e para cuja zanga não achava tambem explicação razoavel.

D'ahi por diante usou Mr. Stone do bem lembrado expediente de pouco conversar com o seu guia, com quem, de resto, estava muito contente por ver a sua grande pratica dos lugares por onde o conduzia. Mas, apesar de tudo, um novo incidente occorreu que veio apressar o momento da sua despedida de tal patrão, momento pelo qual andava suspirando. E' que, por ordem do inglez, devia *Curripio* voltar pela terceira vez successivamente a uma fazenda de onde tinham sahido e que distava bom par de leguas, unicamente para buscar alguma pequena parasita rara de que ia tendo noticia ter sido descoberta.

Não era elle que havia de ter paciência para estar sempre batendo o mesmo caminho e sempre atraz do objecto. Demais, pensando que aquillo até era propositalmente feito para moel-o, resolveu pedir suas contas e deixar aquelle posto para outro que estivesse disposto a soffrer toda a amolação do botânico.

Em um momento que viu Mr. Stone na barraca, muito preoccupado com suas plantas, a fazer incisões, e todo cercado de lentes e microscopios, foi ter com elle, dizendo-lhe na linguagem mais ceremoniosa de que foi capaz:

—Senhor Patrão, não posso mais demorar por aqui, longe da familia; quero ver minhas contas.

—Que? perguntou o ingez já meio assustado.

—Sim quero ver o *lavo*.

—Como diz?

—Digo que quero ver a *chelpa*.

—??

— Não se faça de desentendido, Patrão, São sessenta e tantos macacos, si não me engano.

— Macaco, para que?...

— Não é isto, homem; corra o *artame* e deixe de histórias!...

— ???!

— Arre! que cabeça de pilão!...

E o *cobre* que eu ganhei; é a quantia que me deve; é o dinheiro que eu tenho a receber; são sessenta e tantos mil réis, limpos e seccos, ganhos a troco de muito suor e de muita amolação. Comprende? Comprende agora?... Entendeu?... Entenden?...

Pudera não! Já antes de terminar a última pergunta tinha o juízes na mão uma carteira da qual tirava algumas notas do Banco, que em seguida passava ao camarada, o qual, por sua vez, apenas as teve no bolso, *azulou* pelo caminho a lóra sem nem olhar para traz. Mr. Stone, passando o momento de verdadeiro espanto,

apagou dos olhos a impressão de surpresa, concertou de novo as suas feições, sorriu fitando o homem que desaparecia na volta do caminho, voltando logo depois a continuar o exame das suas parasitas.

A tarde, já quasi sol posto, appareceu o *Corrupio* em frente da barraca, com o chapén na mão.

— Mr. perdoe patrão, me perdoe?... Não ha de ser Jacyntho Nogueira que ha de deixar um pobre estrangeiro perdido no meio do sertão. Aqui tem o *cobre* contado tal e qual. Ora o que é que não haviam de dizer de mim!!!... O homem quando *infesa* é peor do que *susma-rana*...

Estava pois acalmado o espirito do camarada, talvez influencia da calina em que se descansava a Natureza inteira pelo approximar da noite com suas sombras e silencio.

II.





Novo anno lectivo

No dia 3 do corrente mez abriu-se solemnemente, no Lyceu Salesiano de Cuiabá, o novo anno lectivo 1909-1910.

As 8 1/2 h. da manhã, os alumnos, após o cantic do *Veni Creator Spiritus*, na devota e elegante Capella do Estabelecimento, cantado para pedir auxilio e luzes ao Todo Poderoso, reuniam-se no salão de actos, modestamente enfeitado. Feita a chamada de praxe, o Exmo. Snr. Desembargador Dr. Joaquim Ferreira Mendes, d. d. Delegado Fiscal do Governo, junto do mesmo Lyceu, usou da palavra, declarando legalmente aberto o novo anno lectivo, e chamando a attenção dos jovens a percorrer com a imaginação o passado, e descortinar o futuro.

O passado conta-vos os louros já colhidos nos estudos, o futuro indica-vos os esforços que deveis fazer afim de recolher novos louros.

Declarou-se satisfeitiſſimo pelo optimo resultado que os alumnos obtiveram no anno passado nos exames finais, prova eloquente do proceder correcto e applicado dos singulos alumnos; proceder e progresso que cada vez mais recommendam aos paes

de familia o Lyceu Salesiano, que com verdadeira satisfação fiscaliza.

As palavras do illustrado Desembargador foram fragorosamente applaudidas pelos alumnos, corpo docente, e pelos senhores que assistiam.

Em seguida, fallou o Rmo. Senr. P. Antonio Malan, d. Inspector da Missão Salesiana, neste Estado, o qual, com a unção que lhe é propria, animou os alumnos a começar bem o novo anno, recordando-lhes que a qualidade mais necessaria para que um jovem possa material e moralmente progredir durante sua formação intellectual, é obedecer aos paes, aos educadores, ás leis do paiz, obediencia, que forma a firmeza do caracter.

Certo que suas palavras seriam acatadas, finalizou, prognosticando um anno de novos triumphos, melhor o anno ha pouco findo, o crescido numero de alumnos matriculados nos cursos gymnasiales, e a boa vontade de quasi todos que, constava-lhe, em varias circumstancias, manifestaram repetidas vezes, almejamem o instante da reabertura do anno 1910.

Os alumnos matriculados no Gymnasio são 104, o maior numero até o presente.

Uma salva de palmas coroou as paternaeas palavras do Rmo. Senr. P. Malan, o proecto sacerdote educador, que por suas acrisoladas virtudes, goza de tanta sympathia no Brasil inteiro, e se destaca na sociedade cuiabana.

A banda do Lyceu Salesiano, fez ouvir varias peças do escolhido repertorio, alegrando o solemne acto.

A "Matto-Grosso" em dar uma pallida noticia da solemne abertura, aproveita o ensejo para formular a esperanza: poder, como já nos annos passados, registrar em suas paginas muitas festas, verdadeiros triumphos do Estabelecimento, que o elevem sempre mais no conceito publico das pessoas sensatas e imparciaes.

15 de Novembro

Realizou-se com todo o brillantismo, a festa que commemora a fausta data. A nota caracteristica foi um prestito que apromptou a Directoria do Arsenal de guerra, consistente em um magnifico carro allegorico que percorreu as ruas principaes da nossa pittoresca Cuiabá, chegando até ao palacio do governo.

As pessoas mais prestigiosas de nossa sociedade, carregaram os tres andores, sobre os quaes estavam os retractos dos fundadores da Republica.

O proprio Exmo. Senr. Coronel Pedro Celestino, Vice-Presidente em exercicio, accedeu ao convite do Snr. Tenente Firmo Rodrigues, a cuja competencia e dedicacão podemos attribuir o brilhante exito da passeata, carregando o 1.º dos tres andores, na sabida do arsenal.

Além das bandas de Policia, e outras duas particulares, a dos Snrs. Manoel Liberato d'Oliveira, e João

Marinho da Fonseca, a banda do Lyceu S. Gonçalo, revestida de seu elegante uniforme, abrilhantou o acto, e pelo porte correcto, dignamente manteve o lugar de honra que a digna Commissão lhe deu, attrahindo os applausos do publico pela maviosidade e perfeita affinação que revelou nas differentes peças.

A multidão era numerosissima.

Um grupo de alumnos do mesmo Lyceu, revestidos do novo e elegante uniforme, proprio do batalhão militar do collegio, attrahiu a admiracão e os louvres os mais amplos dos presentes, pela garbosa marcha e pela compenetração do seu papel, que revelou, em acto tão bello.

Os alumnos todos internos, e grande parte dos externos, mereceram mais uma vez, palavras de elogio pela apurada educacão e disciplina, aliás já patenteadas em differentes vezes e circumstancias, durante toda a passanta.

Foi uma bella festa.

A Revista "Matto-Grosso" manda os mais vivos parabens á digna commissão, e mui particularmente ao Tenente Firmo Rodrigues, que foi o promotor da festa e quem mais, pelo trabalho e dedicacão, concorreu a brillantá-la, dando prova eloquentissima do seu entranhado amor pela patria Brasileira, que militar exemplar, extremee, procurando infundir o mesmo amor no coração de nossa briosa mocidade.

Festa da Bandeira

Publicamos quanto escreveu *A Voz do Povo* em seu numero 83 com relação a festa da bandeira, que os alumnos do Lyceu Salesiano "S. Gonçalo" fizeram, no dia 19 do corrente mez:

«Esteve simplesmente encantadora a festa escolar realizada pelos salesianos, em homenagem á grande data consagrada ao culto patriótico do pavilhão nacional.

A's 8 horas da manhã do dia 19 do mez andante, reunidos em um dos vastos salões do "Lyceu S. Gonçalo" os alumnos deste e do collegio, tambem dirigido por aquelles missionarios, presentes, além de muitas ex.^{mas} senhoras e senhoritas, os senhores coronel presidente do Estado, dr. João de Moraes e Mattos, juiz federal capitão dr. Vital Filho, commandante da 13.^a companhia de caçadores, desembargador Luiz da Costa Ribeiro, fiscal do governo federal junto ao Lyceu Cuyabano, tenentes coroneis Manoel Escolastico Virginio, inspector do thesouro, e Avelino de Siqueira, intendente municipal, Antonio José de Seixas, chefe deste districto telegraphico, Abilio Brito, encarregado da estação telegraphica, Commendador Francisco Sizenando Peixoto, administrador dos Correios, capitão Napolcão Poeta da Fontoura, 1.^o tenente Manoel Ribeiro da Fonseca, director interino do arsenal de guerra, coronel Joaquim Caraciolo Peixoto de Azevedo, dr. Renato Pereira, director do posto astronomico, major José de Araujo Bastos e o representante desta folha, convidou o sr. padre Malan, digno e illustrado director do Lyceu S. Gonçalo, o sr. coronel presidente do Estado para presidir aquella solemnidade, tomando em seguida s. ex.^a assento em logar para isso reservado, ladeado dos srs. drs. João de Moraes e Mattos e Vital filho.

Começaram então as evoluções militares pelos alumnos daquelle estabelecimento de ensino, que nellas revelaram grande aproveitamento, sendo interrompidas á chegada da bandeira nacional, conduzida por alumnos da companhia de instrucção militar do citado Lyceu.

Estes se collocaram em frente ao sr. coronel presidente do Estado, sendo executado, por essa occasião, pela banda de musica do Lyceu S. Gonçalo, o hymno nacional, que foi ouvido de pé por todos os presentes.

Tomou depois a palavra o sr. amista Nilo Povoas, que pronunciou um ligeiro discurso allusivo ao acontecimento que a todas alli reunia, sendo applaudido.

(Abaixo publicamos o discurso referido)

Fallou tambem o illustre sr. padre Montu-chi.

S. s. produziu uma bella oração, que foi muito applaudida.

Dirigindo-se aos seus alumnos, perguntou o illustre sacerdote:

— « E a vós o que direi ?

Aponto-vos a patria, respondeu, para que vossos esforços se applichem sempre em tornar-a grande, eminentemente grande. E voltando-se para a bandeira, exclamou :

Nossa patria, eil-a, bella, fagueira, rutila. Ella é nossa patria, continuou, quando se levanta altiva no cumo dos edificios e desfraldada pelo vento ostenta suas bellas cores.

Ella é nossa patria quando se desdobra nos mastros dos navios que para outras terras levam as riquezas do solo e nos cimos dos possantes enconçados que defendem o extensissimo litoral. E' nossa patria quando no campo da batalha é levada de um logar para outro sempre alvejada e cobigada pelo inimigo.

E, conclue, num rasgo de eloquencia : — Se ella se levanta, nós nos levantamos com ella; se ella marcha, nós a seguimos. Se ella se agita no combate, nós nos agitamos, e a preço da nossa vida, quando as lanças, as balas e a metralha disputam seus restos.

Então, ella não é mais que um pobre farrapo; mas diante desse farrapo ensopado de sangue e de gloria, batem os tambores, tocam os clarins, os soldados apresentam as armas...

Brasileiros, curvai a cabeça, dobrai os joelhos, é o Brasil que passa.

Viva o Brasil ! »

Após este discurso foram atiradas, por uma commissão de meninos, flores em profusão sobre a bandeira, sendo erguidos entusiasticos e calorosos vivas e executado novamente o hymno nacional.

A bandeira foi depois levada para o centro do pateo, onde foi saudada pelos alumnos em marcha, os quaes, feita a saudação, se vieram postar no angulo da praça em que antes se achavam.

Foi recolhida depois a bandeira á sala de armas, realisando-se então novas evoluções, com as quaes se encerrou a bella festa.

As manobras foram dirigidas pelo sr. 1.^o tenente Firmo Rodrigues, na ausencia do respectivo instructor, sr. 2.^o tenente Gonçalo Rodrigues, que se acha doente.

Os reverendissimos salesianos foram de uma amabilidade extrema para com os convidados, a quem fizeram servir profusa taça de champagne.

Agradecemos a gentileza com que foi recebido o nosso representante.»

--

Exm. Sr. Coronel Presidente do Estado
Exmas. Senhoras
Meus Senhores.

Immerecidamente escolhido para interpretar nesta solenne commemoração, os multiplos sentimentos que, mórmente agora, pululam nos corações patriotas dos meus collegas, venho não obstante a minha incapacidade, desempenhar o difficil mandato, que honroso agradeço.

E' confiado na benevolencia dos deli-cendos ouvintes, que me animo a levantar a voz, não para commover ou arrebatar; mas tão só para dizer-vos que sob o tecto abençoado deste Lyceu, apprendemos as sciencias e a religião dos nossos antepassados; e essas duas poderosissimas forças geram o amor mais intenso e vivissimo para com a nossa terra... O gigante Brasil!...

Exms. Senhoras, o dia de hoje nos recorda o primeiro anniversario do decreto que determinava esta data, como festa, para homenagear o pendão auriverde, ampla-folha margeada de pérolas, centro para o qual convergiram e convergem, os palpites mais intensos e mais nobres dos illustados varões brasileiros.

Incontestavelmente é uma das auspiciosas datas, que enfeitam as paginas fulgurantes da historia da nossa Republica, data que faz vibrar as fibras mais reconditas dos corações, abrazados pelo fogo ardente do mais entranhado patriotismo.

Patriotismo! Expressão doce e suave que traduzna realidade as obras mais difficeis, grandiosas e phylantropicas...

O patriotismo levou Sparta e Athenas á cathégoria de primeiras cidades da Grecia antiga, e tornou a bella e soberba patria dos Cezares, rainha terrível do mundo de então; o mesmo patriotismo, levará a patria brasileira pelas sendas da gloria no arrebol dos triumphos.

O patriotismo é a prova mais frisante para demonstrar que em nossos corações juvenis, existe este sentimento sagrado que purifica e ennobrece o character dos homens, e honra a patria, representada pelo auriverde e estrellado pendão.

Salve, oh pavilhão auriverde! Symbolo bendito da formosa terra de Santa Cruz, symbolo do brio, da honra, da ordem e do progresso.

Collegas, levantemos um viva á nossa gloriosa patria, nobre expressão do patriotismo que nos vive na alma, synthese poderosa de perduravel amor.

Viva a Republica Brasileira!...

Viva o pavilhão Nacional!...

Viva o Exm. Sr. Presidente do Estado!...

Não Pócos.

Philantropia Protestante

Telegrapham de Nova York a um jornal francez:

«O testamento de M^{me}. Mary Snow, uma senhora idosa que acaba de fallecer em Hartford, é actualmente discutido com allegres commentarios.

«Legou 50.000 francos a dois cães que possuía, um «epagneul» mexicano e um «epagneul» allemão, a fim de assegurar o seu futuro.

«A seu marido, M^{me}. Snow, deixou apenas 10.000 fr.»

Quanta prodigalidade philantropica!

Journal pornographico

Escreve o Bi-Hebdomario catholico:

Tivemos o desgosto de receber dois exemplares de um jornaleco p-ornographico, intitulado *O Grito* e que se diz *orgem anticlerical da Bahia*. Diz o pasquinete que são seus redactores: E. Zola, Saint Just, E. Renan, V. Rousseaux, e Voltaire.

Pelo cheiro que de sua leitura se desprende e nos atacou a pituitaria logo suspeitamos que aquillo havia ser obra em muito máo estado. Lendo os nomes que dá como dos seus redactores, tivemos porém, a explicação da noosea: tudo aquillo cheira mesmo a obra de defuntos, e já em decomposição adiantadissima....»

Entre nós, ha escrivinhadores que leem e se inspiram no "Grito". Qual maravilha que exalem o mesmo cheiro? Não haverá perigo de alguma epidemia?...

Esta é Bón

O Boletim da Exposição Nacional de 1908 foi traduzido para o esperanto para propaganda universal.

No trecho que diz «os mamíferos predominam em 12 Estados do Brasil» a tradução foi tão desastrosa que ficou «os mamíferos governam doze Estados do Brasil».

De sorte que, um documento official reduziu a mamíferos os governantes de mais de metade dos nossos Estados?

Livres pensadores

Alfredo Lemeets, deputado socialista de Liège e burgo mestre eleito de Louvain (Belgica) foi expulso da sociedade dos *Libres Pensadores*, por ter autorizado a admissão nas escolas publicas de Louvain, de professores e professoras que tinham pertencido a estabelecimentos de ensino catholico.

São coherentes os Livres Pensadores. Seus adeptos são livres... Mas pensam como seus chefes... Bella liberdade, não é?...

Universidade Catholica

E' esta uma nota social da maior importancia. Depois de 3 seculos de luctas, de pranto, e de sangue, a ilha dos martyres da poesia e do canto, entoa um verdadeiro triumpho: pôde abrir uma universidade catholica.

Já foi nomeado o presidente, o venerando Mons. Walsch, o primaz d'aquelle clero, que ainda ha um seculo, não podia, sob pena de martyrio, abrir uma escola.

Registrámos com intima satisfação este novo triumpho da Igreja e da verdadeira liberdade, fazendo ardentes votos que da nova instituição surja uma phalange juvenil, digna da patria de O'Connell.

Estados Unidos

Admiráveis são os fructos da propaganda catholica nos Estados Unidos.

A União Catholica dos Missionários em-

mera 35.000 conversões durante o anno de 1908. Isto demonstra os progressos do catholicismo a pesar dos obstaculos que lhe oppoem as igrejas protestantes; e que o catholicismo não é a religião dos tempos idos.

Admiravel Invenção

Alguns medicos de S. Paulo, descobriram o methodo para conservar os cadaveres intactos, em estado de verdadeira petrificação.

Cultivo do arroz

Jornaes europeus dedicam columnas inteiras louvando o cultivo do arroz que se effectua no Brasil; e prevêem o dia, em que, o Brasil poderá exportar o arroz para Europa, em cujos mercados dia a dia vai augmentando de preço.

Rettê em um mosteiro

Produziu grande impressão na Europa litteraria o livro:

«Do demonio á Deus» escripto pelo litterato Adolpho Rettê, no qual explica uma conversão. O mesmo autor entrou como noviço em um mosteiro de Namur (Belgica).

Este novo triumpho da graça revelado pela conquista da Igreja catholica de uma grande intelligencia e de um espirito sympathico, é uma vez eloquente para aquelles que estão no erro, do qual Rettê emancipou-se, por divina misericordia.

Partido Regenerador

Com uma tiragem de 5.000 exemplares e sob a direcção do sr. dr. Joaquim Furtado de Menezes, passou a *Patria Mineira* a se publicar em maior formato em Ouro Preto; e constituiu-se organo do recém-creado Partido Regenerador ou Partido Catholico.

Actividade Catholica

Muitos ha que considerão impraticavel a obra Santa da Imprensa Catholica; é um erro lamentavel e funesto. Esta these que tem provas, em contrario, abate as boas vontades, destroe as energias. Sômente é verdade que não se pôde alcançar um fim

sem os meios proporcionados á sua conservação.

Para a imprensa catholica se requer constancia, muito amor á causa, combatentes, que tenham uma fé intrepida, um espirito firme e desentereçado e que haja o bom senso de contentar-se com os principios humildes sem carregar pesados sacrificios sobre aquelles que não podem ou cuja vontade é indifferente.

A obra ha de fundar-se sobre a adhesão da alma, sobre o affecto dos corações. O clero mineiro está persuadido desta verdade, como se pode ver desta noticia que reproduzimos com verdadeira satisfação:

IMPRESSA CATHOLICA

Bello Horizonte 27. O clero mineiro activa a fundação de jornaes catholicos em todos os pontos do Estado.

A imprensa catholica já conta: *A Verdade*, Montes Claros; *Mineiro*, Minas Novas; *Estrella Polar*, Diamantina; *Patria Mineira*, Sete Lagoas; *Aurora*, Ferros; *Monitor Parochial*, Araxá; *Paladino e Correo Catholico*, Uberaba; *Estandarte*, Mathias Barbosa; *Pão de Santo Antonio*, Diamantina; *Minas Catholica*, Ponte Nova; *São Gerardo Magella*, Abre Campo; *A Tribuna*, Dóres do Indayá; e outros periodicos, em Pouso Alegre, Campanha e Honra ao Clero Brasileiro. Tambem no Estado de S. Paulo, nesta Capital, em Santos em Itatiba, os Rev^{mos} Vigarios têm publicado e publicão seus periodicos, como em outros estados o mesmo se passa.

Nalgun caso pode acontecer que a iniciativa não vingue porque o clero brasileiro é, geralmente pobre. Mas é um signal que o coração brasileiro ama sua patria e deseja, ardentemente sua regeneração.

Digam o que quizerem, nos julgamos como quizerem: O clero brasileiro é amigo da Igreja, os Brasileiros são dedicados aos interesses do reinado de Jesus Christo, querem as influencias Divinas sobre sua patria.

Algun insuccesso nada prova. Uma tentativa é melhor que o nada.

Louvores ao nosso clero.

E nos Catubanos, procuremos espalhar nas famílias a boa imprensa. Com verdadeira satisfação vemos circular em nossa sociedade: A boa imprensa, o Bi-Hebdomadario Catholico. A Matto Grosso: de cada um d'esses jornaes augmentemos a

circulação fazendo votos que, breve, surja um jornal Catholico.

Sua fundação não é difficil como parece. Dos esforçados será a victoria.

Pro Horaros

Pelas ultimas noticias recebidas, estamos scientes, que mais só horaros vieram estabelecer-se na Colonia Indigena do S. Coração de Jesus, capitaneados pelos temidos indios: Perigo e André, autores das repressalhas bavidas no p.p. anno nas immedições do Burity. A chegada dos queridos selvícolas, importa um augmento nas despezas, e torna mais necessarios os auxilios de quantos almejam o progresso da Catechese.

Para animar a todos que se interesseem da nossa missão, e de alguma maneira agradecer a generosidade de quantos nos auxiliam nessa obra caridosa e philantropica, publicamos o nome dos benemeritos benefactores que neste ultimo mez nos enviaram suas generosas prendas.

D. Joaquina d'Oliveira, 1 terno,	
1 calça usada e varias roupas	13\$000
N. N., 1 par de sapatos, 2 li-	
nhades e 2 triangulos	16\$ 00
N. N., varios objectos	4\$000
N. N., amostras	2\$000
Joaquim Marques, roupas usa-	
das	50\$000
D. Maria d' Abreu	2\$000
D. Afra de Pinho, calça e ca-	
misu	5\$000
D. Josephina Marques, roupas	
usadas	1 \$000
D. Maria d'Assumpção, farda	
usada	46\$000
N. N., roupa usada	5\$000
N. N., um paletot	3\$000
Tenente Braga, facas e uma	
arma usada (Corumbá)	20\$ 00
De Affonso A. C. Machado	
(Rio) mensal	5\$000
Frei Diogo de Freitas	5\$000
Madre M ^{te} do Menino Jesus	5\$000
N. N.,	10\$000
Um cooperador (Rio)	50\$000
N. N., um terno	5\$000

Continuaremos a publicar as offertas que nos serão enviadas.



Observatorio meteorologico "D. Bosco"

DEPENDENTE DO LYCEU SALESIANO DE ARTES E OFFICIOS

Em Cuiabá, Estado de Matto-Grosso. Director Padre M. G. de Oliveira e Secretario Padre J. M. Thannhuber

Observações feitas durante o mez Agosto de 1909.

LATITUDE DA LOCALIDADE: 235^m.02 LATITUDE: 15° 35' 49" LONGITUDE: 12° 50' 7" (Oec. do Rio.)

N. DE OBSERVAÇÕES POR DIA: ÀS 7 a. m., ÀS 2 e 9 p. m. HORA LOCAL

TABELLA I

Agosto 1909	PRESSÃO BAROMETRICA reduzida à 0° cent. + 700 ^m /m					TEMPERATURA CENT. A' SOMBRA				TEMP. sol Oscilação	HUMIDADE relativa			
	7 a.m.	2 p.m.	9 p.m.	Media	Oscil.	Media	Max.	Min.	Oscil. da temp.		7 a.m.	2 p.m.	9 p.m.	Media
1	48,31	45,41	47,64	47,12	2,90	25,5	30,9	20,2	10,7	17,5	69	54	64,5	62,5
2	49,94	47,74	48,05	48,57	2,20	26,0	31,6	20,4	11,2	18,3	69	41	58	56,0
3	49,31	47,39	47,13	47,94	2,18	26,4	31,8	21,0	10,8	18,0	71	44	57	57,3
4	48,12	46,67	47,17	47,32	1,45	26,7	32,5	21,0	11,5	18,5	72	38	55	55,0
5	47,81	47,82	47,16	47,59	0,66	26,2	32,0	20,4	11,6	21,0	68	37	47	50,6
6	48,96	47,60	49,00	48,52	1,40	27,9	32,4	23,5	8,9	14,9	61	41	57	54,3
7	50,16	48,27	47,89	48,77	2,27	27,3	32,3	22,3	10,0	18,8	69	39	56	54,6
8	48,43	46,82	47,31	47,52	1,61	26,7	31,5	22,0	9,5	14,8	60	38	55	51,0
9	48,52	46,59	47,20	47,43	1,93	26,2	31,0	21,5	9,5	18,6	67	39	52	52,6
10	48,06	46,25	46,88	47,06	1,81	26,3	31,6	21,0	10,6	18,0	72	40	60	57,3
D ^a 1	48,76	47,05	47,54	47,78	2,54	26,5	31,7	21,3	10,4	17,8	67,8	41,1	55,1	54,7
11	47,66	45,06	45,12	45,94	2,60	26,5	32,2	20,9	11,3	18,9	70	41	52	54,3
12	46,10	44,02	43,80	44,64	2,26	28,1	33,2	23,0	10,2	13,8	64	43	54	53,6
13	44,65	42,90	43,98	43,84	1,75	29,1	33,8	24,5	9,3	10,0	67	47	37	50,3
14	48,40	50,59	53,18	50,72	4,78	19,9	22,5	16,4	7,1	8,3	72	73	79	74,6
15	53,85	51,14	51,60	52,19	2,71	15,1	17,3	13,0	4,3	5,5	86	77	76	79,6
16	52,33	51,26	52,69	52,09	1,43	16,7	18,4	15,0	3,4	4,0	83	80	80	81,0
17	53,61	50,71	50,37	51,36	2,64	19,4	23,4	15,5	7,9	14,7	87	66	75	76,0
18	49,85	47,02	47,22	48,03	2,83	22,7	23,3	17,1	1,2	19,0	80	50	68	66,0
19	47,40	45,40	46,58	46,46	2,00	26,5	33,2	19,8	3,4	19,0	75	41	45	53,6
20	48,02	46,83	47,00	47,30	1,14	27,8	32,0	23,6	8,4	17,0	69	36	43	49,3
D ^a 2	49,12	47,49	48,15	48,25	2,41	23,1	27,5	18,3	6,4	13,6	76,3	55,4	60,9	63,8
21	47,89	46,16	46,83	46,96	1,73	28,5	33,0	24,0	9,0	16,3	63	32	44	46,3
22	46,03	45,55	45,66	45,73	0,53	27,5	32,3	22,8	9,5	19,5	58	30	46	44,6
23	46,88	45,07	46,00	45,98	1,81	27,5	32,9	22,1	10,8	19,5	74	30	81	61,6
24	47,89	46,81	47,14	43,78	0,58	28,2	32,5	24,0	8,5	14,1	87	35	80	67,3
25	48,39	46,66	47,25	47,73	1,64	29,6	33,1	24,1	9,0	17,9	87	80	88	84,3
26	47,75	45,71	47,17	46,88	2,01	29,1	33,7	24,5	9,0	16,3	88	76	85	82,0
27	45,84	43,10	42,11	43,63	3,73	29,1	34,4	23,8	10,6	17,6	87	78	83	82,6
28	44,08	43,05	45,47	44,16	2,42	28,8	30,2	27,4	2,8	14,6	84	81	86	83,6
29	48,22	49,16	50,77	49,38	2,55	28,7	35,0	22,5	12,5	6,9	89	90	91	90,0
30	50,35	48,87	49,50	49,57	1,48	21,1	24,0	18,3	5,7	9,5	94	90	93	92,3
31	48,95	47,05	47,13	47,71	1,90	24,4	29,5	19,4	10,1	15,9	96	97	92	95,0
D ^a 3	47,42	46,10	43,18	46,50	1,87	27,4	31,9	22,2	8,9	15,3	82,4	65,4	79,0	75,5
Mez.	48,10	46,88	46,29	47,51	2,27	25,6	30,3	20,8	8,6	15,6	75,2	55,0	65,3	64,6

Observatório meteorológico "D. Bosco" - Cuiabá

TABELLA II

Agosto 1909	VENTO Direcção—Força						NEBULOSIDADE Forma—Fracção				CHUVA Quantidade	EVAPORAÇÃO em 24 horas			
	7 a. m.	2 p. m.	9 p. m.	7 a. m.	2 p. m.	9 p. m.	Media	Abrigo	Exp.						
1	—	0	—	0	—	0	S	1 C	1	—	0	0.6	—	3.2	9.6
2	—	0	NNW	3	—	0	—	0 S	2	—	0	0.3	—	3.6	9.8
3	N	1	N	1	—	0	—	0 S	1	—	0	0.3	—	2.8	10.6
4	N	1	N	3	—	0	—	0	—	0	0	0.0	—	3.2	10.6
5	—	0	N	3	NNE	1	—	0	—	0	0	0.0	—	3.9	13.7
6	N	1	N	4	E	1	—	0 CK	6 Kn	5	3.6	—	—	3.5	11.2
7	S	1	N	1	—	0	C	8 K	7 K	4	6.3	—	—	3.2	9.8
8	N	1	N	6	—	0	CK	7 CK	4	—	0	3.6	—	3.4	12.0
9	—	0	N	3	E	1	C	1 C	1	—	0	0.6	—	3.4	9.8
10	N	1	SE	1	—	0	—	0 K	7	—	0	2.3	—	3.1	9.3
D. 1	N	0.6 N	2.5 E	0.3	C	1.7 CK	2.9 K	0.9	1.7	—	—	33.3	106.4		
11	—	0	NE	2	N	1	—	0 C	4	—	0	1.3	—	4.0	13.2
12	N	2	N	4	—	0	C	1 C	2	—	0	1.0	—	4.3	14.4
13	—	0	NW	4	N	1	C	1 CK	4	—	0	1.6	—	6.3	15.0
14	SW	4	S	4	S	6	Ans	10 Kn	10 Kn	10	10.0	—	—	0.9	1.3
15	SW	3	SSE	1	S	1	N	10 Kn	10 Kn	10	10.0	—	—	0.6	1.2
16	SW	2	S	2	—	0	Kn	10 Kn	10 Kn	10	10.0	—	—	0.4	1.7
17	S	1	S	4	—	0	N	10 Cs	1	—	0	3.3	—	1.6	3.8
18	—	0	W	2	—	0	—	0	—	0	0.0	—	—	1.3	6.2
19	—	0	S	1	E	4	CK	3 K	8 N	7	6.0	—	—	2.4	9.8
20	—	0	SE	1	E	1	Ne	8 C	7	—	0	5.0	—	2.8	3.4
D. 2	SW	1.1 S	2.5 E	1.4	N-S	Var	5.3 C	5.6 Kn	3.7	4.8	—	24.0	75.0		
21	—	0	NNW	1	—	0	Kn	10 S	2 Kn	4	7.3	—	—	3.0	9.0
22	—	0	N	3	—	0	Cs	8 C	2 Kc	9	6.3	—	—	3.2	10.9
23	—	0	E	1	—	0	C	7 C	1 Ks	7	5.0	—	—	2.6	8.5
24	N	1	—	0	—	0	NK	10 Kc	10 C	3	7.6	—	—	2.4	8.2
25	—	0	NNE	1	—	0	Kc	8 Kc	7 Kc	3	6.0	—	—	2.8	19.6
26	—	0	NNW	2	—	0	CK	4 K	5 C	4	4.3	—	—	4.2	14.4
27	—	0	N	2	N	1	C	1 K	4 C	2	2.3	—	—	4.6	14.5
28	N	5	N	3	—	0	—	0 C	1	—	0	0.3	—	2.6	6.6
29	SSW	3	S	4	S	3	C	2	—	0	0	0.6	—	0.8	3.8
30	S	1	SSE	2	SE	1	—	0 K	1	—	0	0.3	—	0.8	5.6
31	—	0	SE	1	—	0	—	0 Kc	—	—	0	0.3	—	1.2	5.8
D. 3	N	0.9 N	1.8 Var.	0.4	C	4.5 Kc	3.6 C	2.9	3.7	—	—	28.2	107.0		
Mez	N	0.8 N	2.2 Var.	0.7	C	3.8 C	4.0 Kn	2.5	3.4	—	—	85.5	283.4		

